

# O CONHECIMENTO E SUA REPRESENTAÇÃO

## *KNOWLEDGE AND ITS REPRESENTATION*

Alice Ferry de Moraes<sup>1</sup>

Etelvina Nunes Arcello<sup>2</sup>

### Resumo

Aborda a questão da representação do conhecimento a partir das dificuldades existentes no uso das classificações documentárias objetivando a recuperação e disseminação de informações. Foi feita inicialmente uma rápida abordagem sobre as principais correntes filosóficas, organizando-as por períodos. De cada corrente filosófica foram extraídos conceitos sobre representação da realidade e as influências sofridas em sua elaboração.

### Palavras-chave

**CLASSIFICAÇÃO  
REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO  
FILOSOFIA**

### INTRODUÇÃO

No dia-a-dia de uma biblioteca ou centro de documentação estão presentes rotinas como as de classificar e indexar documentos que estão ligadas a identificação, recuperação e transferência destas informações relacionadas, em última instância, à produção de conhecimento. Segundo Foskett (1974), a comunicação do conhecimento através de documentos recheados de informações e dados, além de ser um problema essencialmente social do nosso tempo, constitui-se em campo de estudo e pesquisa.

A adaptação dos assuntos contidos e identificados nos documentos aos assuntos estipulados nas tabelas de classificação, nas listas de cabeçalhos e nos tesouros provocam insatisfação por parte do profissional responsável por esta tarefa principalmente quando o assunto pertence às ciências sociais. Por que tanta dificuldade? Uma análise mais detalhada aponta para um problema que é anterior. As ferramentas para classificar são as representações construídas pelos homens que vivem em sociedade. Estas representações, portanto, fazem parte de uma ação social, mesmo quando relacionadas às ciências exatas. Através da percepção e da razão, os homens formulam conceitos abstratos a respeito da realidade que os cerca. Os conceitos agregados sob o mesmo objeto e organizados metodologicamente produzem

---

<sup>1</sup> Jornalista, Bibliotecária e Coordenadora do SIBI/FIOCRUZ, Mestre em Ciência da Informação pela UFRJ/IBICT e aluna do Curso

de Doutorado em Ciência da Informação da UFRJ/IBICT

<sup>2</sup> Bibliotecária da Faculdade de Economia da UFES, Professora universitária da disciplina sobre Métodos e Técnicas de Pesquisa e

Mestre em Ciência da Informação.

o conhecimento científico e histórico, carregando consigo a visão de mundo do cientista (pesquisador/conhecedor). Portanto, para entender as classificações de assuntos é preciso saber que elas são representações a partir de conceitos que integram o conhecimento para facilitar sua divulgação e partilha.

## **O CONHECIMENTO NO MUNDO OCIDENTAL**

A inteligibilidade do mundo é preocupação constante do homem como garantia para sua sobrevivência. Tal atitude impõe-lhe uma marca diferenciada e o leva também à prática do bem, da virtude, da moral, do belo, do verdadeiro. Durante muito tempo não houve distinção entre ciência/filosofia e prática/ação. Assim, pode-se dizer que o conhecimento racional que o mundo ocidental primeiramente conheceu foi a filosofia do homem e da natureza.

### **Grécia Antiga**

Dois filósofos são tidos como marcos referenciais para todos os estudos filosóficos desenvolvidos no mundo ocidental: Platão e Aristóteles.

Carvalho (1989, p. 11) ao caracterizar diferenças entre teoria e prática afirma que Platão, discípulo de Sócrates, é considerado aquele que desenvolveu o pensamento racional grego através da *theoretiké*, desenvolvida por aqueles que podiam fazer especulações a respeito do mundo e enxergar, com *os olhos do Espírito*, a essência e para isso se utilizavam da *intuição*, um tipo de pensamento superior e que garante a *episteme* (ciência). Assim, Platão dividiu o mundo em dois: o mundo sensível e o mundo das idéias. O mundo sensível era estático e o mundo das idéias era dinâmico e acessível pela *episteme* que era onde estava o saber. O *Mito da Caverna* dá a explicação para o surgimento do conhecimento racional. "*O cativo que passa toda sua vida acorrentado na caverna, de costas para a saída de onde entra a luz, não tem possibilidade de ver o que se passa lá fora, onde brilha o sol e se movem as coisas verdadeiras e reais.*" (Bazarian, 1988, p. 54) A doutrina filosófica de Platão foi expressa através de diálogos resgatando a forma difundida por seu mestre Sócrates.

Já Aristóteles, discípulo de Platão, criou o seu sistema filosófico no qual as idéias, em um mundo unitário, não estavam separadas das coisas e os homens integrariam forma e matéria, alma e corpo. Ainda questionando as coisas do mundo, Aristóteles direcionou o seu pensamento para uma classificação fundamental. Ele lançou mão do *logos* para propor atributos e características essenciais às coisas. A pergunta "*o que é?*" levou à distinção entre substantivo e o predicado e possibilitou um julgamento.

A importância atribuída a Platão e Aristóteles se justifica por terem iniciado uma tradição no mundo ocidental: pensar a verdade através da razão, deixando de lado o mito como forma possível de conhecimento. Dentro desta perspectiva, a verdade filosófica evoluiu no Ocidente e assumiu diversos aspectos em diferentes momentos. Primeiramente, um aspecto metafísico, ontológico onde a preocupação era o próprio ser, princípio de todas as coisas.

### **Idade Média**

Na Idade Média, a verdade filosófica foi colocada na perspectiva cristã, conciliando fé e razão e foi tida como a verdade reveladora de Deus. A filosofia grega foi usada como instrumento para a divulgação do Cristianismo, embora Chauí (1987, p. 37) afirme que as atitudes nem sempre foram de aceitação.

Tomás de Aquino, filósofo medieval, introduziu o pensamento e terminologia conceitual aristotélicos e fez deles a sua expressão em sua obra.

## **Idade Moderna**

Nesta época, ocorreram grandes transformações econômicas, políticas e sociais em virtude da implantação do capitalismo que exigiu uma nova concepção de conhecimento. O mundo se modernizou com novas invenções e descobertas marítimas. Homens como Galileu, Giordano Bruno, Kepler, Copérnico, Francis Bacon questionaram a finitude do Universo. A descoberta do infinito eliminou o limite do pensamento e do saber. O heliocentrismo expressou uma nova verdade: a Terra deixou de ser o centro do universo e Deus deixou de ser o centro do conhecimento, deslocando a verdade mais uma vez. A pergunta de origem ontológica deu lugar a perguntas gnoseológicas: "*qual o valor desse conhecimento? qual o seu critério de verdade?*" Desmoronava assim o edifício teórico filosófico mantido pela Santa Inquisição, com rupturas e crises e o florescimento de um novo conhecimento com base na observação e experimentação.

A valorização da razão como critério essencial para esse novo conhecimento ergueu um vigoroso debate entre os filósofos da Idade Moderna e o nascimento do método. O debate se realizou entre as três grandes correntes da época: o racionalismo (Descartes), o empirismo (Locke) e o idealismo (Kant). O tema era a questão metafísica da verdade filosófica, que até o mundo medieval, era a base de toda a filosofia. Não havia mais condições de controlar e dominar a natureza de forma especulativa "*com o ilusório e pretensso conhecimento chamado metafísica.*" (Giles, 1979, p. 19) As novas teorias consideravam que a matemática, pontual e precisa, possuía uma linguagem apropriada para as novas questões. Foi, portanto, na Modernidade que a filosofia da natureza iniciou a separação da filosofia metafísica, concretizada apenas no século XIX.

René Descartes, filósofo francês e crítico do pensamento medieval e formulador do pensamento moderno, considerou que a filosofia precisava ser renovada. Ele acreditou que um método rigoroso seria capaz de estabelecer critérios para todas as verdades. O *cogito* cartesiano buscava um instrumento capaz de validar o novo conhecimento. Assim Descartes "*pede às matemáticas que lhe revelem o segredo do seu método, a fim de poder estendê-lo a todo tipo de coisas.*" (Guenancia, 1980, p. 17)

John Locke afirmou que o conhecimento humano tinha como fonte única a experiência obtida através dos órgãos do sentido. O homem nascia como uma folha de papel em branco onde as experiências escreviam ali os conhecimentos. Considerou que o conhecimento empírico era a única possibilidade de se conhecer a verdade. Locke afirmou que havia dois tipos de idéias: as simples, oriundas das sensações e as complexas, resultantes das combinações de sensações.

Para Emmanuel Kant, filósofo alemão, era impossível o conhecer da essência das coisas. O conhecimento humano se limitava à experiência do fenômeno, à aparência das coisas e deste modo não havia espaço para a metafísica, que impossibilitava um conhecimento positivo. "*O que podemos saber?*" era a pergunta

preponderante para ele, na medida em que o *numeno*, isto é, a essência das coisas não se manifestava no tempo e no espaço mas sim o fenômeno. Segundo Kant, "*as coisas em si*" eram captadas pelos órgãos do sentido resultando em sensações desordenadas, com impressões caóticas. O pensamento teria como tarefa ordenar, dar forma e colocar as sensações no tempo e no espaço para assim relacioná-las. O processo cognitivo seria concretizado no entendimento, quando os conceitos puros se ordenariam e sistematizariam as percepções gerando assim, o conhecimento intelectual.

Augusto Comte introduziu a filosofia positivista que foi decisiva para a constituição das ciências humanas e que influencia todo o pensamento do mundo ocidental até hoje. O positivismo teve suas raízes no século XVIII, junto ao iluminismo com a proposta de lutar contra a ordem estabelecida da época - a ideologia absolutista. Condorcet, filósofo francês ligado ao enciclopedismo, foi o primeiro a formular uma ciência objetiva para a sociedade, livre dos interesses dos poderosos da época. Homem e natureza eram semelhantes e, portanto, regidos pelas mesmas leis da natureza. Baseada neste princípio, a filosofia positivista desenvolveu duas idéias importantes para a primazia das ciências da natureza em relação à filosofia e às outras ciências: a idéia de neutralidade e a idéia de um único método para a observação da natureza e da realidade social.

Para a filosofia positivista o método tinha primazia sobre a verdade, que seria obtida através da observação e experimentação. Comte, baseado nesses pressupostos filosóficos elaborou uma classificação das ciências.

Hegel, contrariando Kant, dizia que aparência e essência estavam juntas na elaboração do conhecimento. Conhecer não era um olhar fotográfico da realidade, nem uma reflexão passiva. Era um processo dialético que se desenvolvia em etapas interligadas, caracterizadas em três momentos: tese, antítese e síntese. O primeiro momento seria o ser em si; o segundo momento o do ser extra si e o terceiro momento a união das duas partes formando um todo para expurgar as imperfeições dos momentos anteriores. O conhecimento da realidade tinha a sua trajetória do abstrato para o concreto.

Marx entrou em contato com a filosofia dos jovens hegelianos aproximando-se do método dialético e da concepção histórica. Foi contra o idealismo (idéia) hegeliano e, em oposição, desenvolveu uma teoria conhecida como materialismo (matéria). Essa concepção de conhecimento e de verdade assumiu um espaço contestador em relação a verdade positivista. A neutralidade positivista impedia a observação da realidade social, segundo Karl Marx. O conhecimento, para ele, tinha como referencial o materialismo dialético e materialismo histórico.

Para Marx, o conhecimento era social e era a consciência histórica dos indivíduos que superava o *eu* individualizante e que preparava o sujeito social, agente das transformações da sociedade. A realidade social não era um dado isolado e neutro mas determinada pelos homens. Nesse sentido, a ideologia e a sua relação com a verdade eram fundamentais para o entendimento da concepção de conhecimento que Marx propunha com base na produção material dos homens, isto é, na questão econômica do capitalismo.

## **Mundo Contemporâneo**

Iniciada no século passado e consolidada na atualidade, a filosofia analítica, chamada também de filosofia da linguagem e neopositivismo pode ser considerada a

grande reformadora da filosofia tradicional, investigando seus conceitos e propondo uma nova sistematização. Segundo os filósofos analíticos, na filosofia tradicional, a verdade, a liberdade, o bem, o belo, isto é, seus objetos de investigação *"eram coisas fundamentais, que se distinguem pelo que intuitivamente poderíamos chamar de seu caráter mais abstrato e geral."* (Costa, 1982, p. 12) A filosofia analítica propõe mudança na exposição do resultado de tais investigações.

A filosofia analítica possui um paradigma de clareza . Em vez de perguntar o que é conhecimento, a verdade, a existência, a liberdade, o bem, a filosofia analítica pergunta o que significam ou de que modo são usadas tais palavras. Há uma certa ordem hierárquica entre os conceitos a serem investigados, sendo alguns tão gerais e abstratos como o conceito de ser.

Wittgenstein considerou que *"o erro fundamental da metafísica consiste em confundir o que pertence à lógica de nossa linguagem com aquilo que é empírico e factual."* (Costa, 1982, p. 15) Neste sentido, ele se dedicou à análise lingüística para demonstrar como era possível representar e compreender o mundo real através da linguagem. Ele acreditava que na análise da linguagem estava *"a chave de uma questão central em toda a história da filosofia: a questão do conhecimento ."*

## **CONCEITOS - FORMAS HISTÓRICAS DE REPRESENTAÇÃO**

Na Grécia, quando se vivia o momento ontológico, conhecer não significava representar. Embora houvesse uma preocupação, já em Aristóteles, com uma ordenação do conhecimento, as representações não eram estimuladas uma vez que a essência do real era inatingível e este real era ilusório. Durante a Idade Média prevaleceram as representações relacionadas com o Cristianismo. No século XVII, com a destruição da idéia greco-romana e cristã de Cosmos, surgiu a nova ciência da natureza ou filosofia natural. O mundo deixava de ter uma ordem fixa com hierarquias de perfeição, com centro e limites conhecidos e passava a ser um Universo Infinito. Para conhecer, o mundo começou a depender de um novo conceito de ordem, propiciando a elaboração do método. O conhecimento não deveria mais se dar através de qualidades sensoriais. Dois tipos de substâncias eram considerados como integrantes dos seres humanos: matéria e pensamento. A busca da causa estabeleceu relação entre coisas com a mesma substância. O conhecimento, obtido pelo pensamento, era uma representação do real.

Descartes (1596-1650) inverteu a ordem do conhecimento que ia do ser para o conhecer ou das coisas (sensações e percepções) para o pensamento. Para Locke (1632-1704), tanto as palavras, que eram representações das idéias, quanto as próprias idéias eram instrumentos essenciais do conhecimento. A linguagem, portanto, já era considerada um fator constitutivo para as concepções abstratas.

No momento gnoseológico, o conhecer era representar. Kant (1724-1804) considerava o conhecimento uma síntese de representações, que eram diferentes do conhecimento.

O positivismo, com Comte (1798-1857) estabeleceu uma hierarquização para as ciências com limites claros a partir do real, sendo construída com a experiência, de forma neutra, visando alcançar formulações universais. Segundo Durkheim, *"as representações que podem ser formuladas no decorrer da vida, tendo sido efetuadas sem método e sem crítica, estão destituídas de valor científico e devem ser afastadas."* A representação não altera a realidade do mundo, do pensamento, apenas agregava-se a ele.

A comunicação da ciência para ser entendida e conhecida pelo maior número possível de pessoas se faz através do conteúdo objetivo do conhecimento, isto é, de conceitos e das condições sociais do meio em que são produzidos. Os conceitos se constituem em abstrações que são elementos do pensamento e produtos teóricos, aproximando-se da realidade. Os conceitos pouco abstratos são descrições que constituem o conhecimento científico. Deve haver sentido no conteúdo semântico destes conceitos mas não se pressupõe um uso de expressão matemática, lógica ou simbólica embora para alguns cientistas o rigor da linguagem matemática dá à ciência o ideal de verdade. A atual tendência da ciência para formalizar conceitos ocorre porque a historicidade da ciência é consequência da historicidade da razão. A ciência é produto do homem, integrante de um grupo social, e está inserida no processo histórico.

## **INFLUÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS NAS REPRESENTAÇÕES**

A influência do neopositivismo, nascido neste final do século, se faz presente na construção das representações. Ele pertence ao momento semiótico, onde o conhecer transfere-se para o representar. Para os neopositivistas, o conhecimento também começa no real mas não pretende ser universal. A ciência é feita por proposições (linguagem) e através de constatações. A filosofia clássica ou metafísica é rejeitada por não ser verificável. A filosofia analítica ou neopositivismo verifica o significado dos conceitos. Os conceitos abstratos além de representar o objeto contém a razão de ser dos objetos representados. Os fenômenos não são explicados mas descritos na sua regularidade. A ciência torna-se uma descrição do que nela se passa. O rigor sintático e semântico da linguagem científica é exigido pelos neopositivistas, denunciando assim uma incapacidade de apreender a essência da realidade.

Sob a influência da mecânica, a ciência do movimento, a fenomenologia passa a elaborar conceitos que não explicam "*por que*" e sim "*como*" as coisas acontecem. Husserl (1859-1938) considerava que a representação de um objeto era determinada pelo espírito, numa formulação de juízo.

O conhecimento humano também é comparado a um fenômeno biológico e as representações devem, de maneira simples e breve, descrever relações entre fatos no contexto da natureza. O funcionalismo considera a existência de um sistema anterior ao real e é contra o empirismo. O principal objetivo dos funcionalistas é manter o *status quo*. A ordem é funcional e a construção do real é realizada em forma de sistema que, quando tem uma parte (subsistema) alterada, altera-se no todo. Para os funcionalistas não há determinações, nem história, nem prioridade causal mas sim, uma circularidade de efeitos. O funcionalismo não faz previsão para o neutro nem para o disfuncional, que contribui para mudanças. Os conceitos são utilizados para explicitar "*funções*", que não são intencionais e que têm conexão fatural. A palavra, como representação, não é o único acesso ao sentido uma vez que os funcionalistas acreditam que os objetos culturais têm uma tarefa a cumprir, com um sentido estabelecido na mente.

Retomando as raízes matemáticas, no estruturalismo, a ordem é concebida no plano da virtualidade, na estrutura. São consideradas relações, não sociais, entre subsistemas. O estruturalismo não é estático e baseia-se num discurso fechado, fora da realidade. O acesso à estrutura é feito pelo que é diferente. As representações se fazem com o sistema terminológico para a designar o sistema de atitudes sociais.

## O MARXISMO E AS REPRESENTAÇÕES

A historicidade, considerada primeiro por Hegel (1770-1831) e depois por Marx (1818-1883) é explicada pela dialética, opondo-se a tudo dito anteriormente.

*"A ciência constitui portanto uma empresa sem fim, e em certo sentido sem sucesso absoluto, pois o que pode conhecer consiste sempre naquilo que, tendo o estado atual por base, lhe é possível conquistar no futuro. Com o progresso da ciência ... a representação dos fenômenos vai obrigatoriamente se deslocando da superfície sensível dos fatos e da captação imediata das coisas ... para as camadas mais profundas da estrutura dos fenômenos, em virtude do processo lógico de exigência de pesquisa..."* (Pinto, 1979, p. 200)

Para Marx as representações, que são abstrações, possuem determinações que se expressam através de conceitos. As determinações não são aleatórias. Há relações necessárias e obrigatórias entre a natureza e o conhecimento e outros elementos da realidade. A ciência é puramente uma relação social e é este tipo de relação o grande elemento construtor da sociedade. As relações sociais são organizadas pelas determinações.

A realidade existe independente de nós. As coisas parecem ser como aparecem porque sofrem determinações de níveis de realidade que são invisíveis e detectadas via pensamento. *"Por isso Hegel caiu na ilusão de conceber o real [apenas] como resultado do pensamento ... "* (Marx, 1983, p. 219) No fundo de uma totalidade histórica, que Marx chama de modo de produção, há valores que a qualificam de capitalista, feudal... Se os cientistas ficam só na aparência se perdem e não teorizam. Se ficam só nas determinações não saem da abstração. É necessário estabelecer-se relações entre determinante e determinado.

Para Althusser, *"o discurso científico utiliza palavras da linguagem cotidiana ... A diferença é que na linguagem teórica as palavras funcionam como conceitos teóricos. ...o sentido das palavras não é fixado pelo seu uso corrente, mas pelas relações existentes entre os conceitos teóricos no interior de seu sistema."* (Escobar, 1975, p. 62)

O homem quando nasce já está dentro de uma realidade que lhe é dada. Tudo é determinado pelos homens ou pelas relações sociais que são históricas. Os homens organizados historicamente constroem totalidades em um dia e a destroem em outro de forma contraditória, provocando transformações.

## O PÓS-MODERNISMO, O RELATIVISMO E AS REPRESENTAÇÕES

No mundo contemporâneo, apareceu o relativismo afirmando que não existe teoria embora tudo seja representação que, por sua vez, pode ter várias leituras. Tudo é relativo, afirmam os relativistas "categoricamente". Eles são a favor de determinações locais e contra a universalização opondo-se aos positivistas e neopositivistas. Para os relativistas é impossível haver "sabedoria pré-lingüística" , não há ponto de vista transcendental nas representações e na relação delas com seus objetos.

Na década de 60, a história cultural francesa começou a renegar a influência de estudos de conjunturas econômicas e demográficas ou de estruturas sociais e acatou

fortemente a influência da lingüística, da sociologia e psicologia. Este fato foi relevante porque a história cultural é que identifica o modo de construção da realidade de um determinado grupo. Isto se reflete diretamente na classificação, na divisão e na delimitação da apreensão social, ou seja, no conhecimento e nas representações. A maneira de se perceber o real não é neutra e as representações também não. Elas transformam-se em instrumentos de poder e dominação, tal como as lutas econômicas, porque tentam impor sua visão de mundo e seus valores.

Lyotard considerou passada a era das "metanarrativas". Para ele, abstrações como ciência, educação, democracia e revolução são mitos e não devem ter crédito. O pós-modernismo marcou a volta do concreto e ele afirmou que "no lugar da abstração e do transcendental, há a heterogeneidade e o determinismo local." (Alexander, 1992, p. 345)

*"A multiplicação de máquinas informacionais afeta e afetarà a circulação dos conhecimentos ... Tanto os "produtores" de saber como seus utilizadores devem e deverão ter os meios de traduzir nestas linguagens o que alguns buscam inventar e outros aprender ... Sob a forma de mercadoria informacional indispensável ao poderio produtivo, o saber já é e será um desafio maior, talvez o mais importante na competição mundial pelo poder."*(Lyotard, 1986, p. 4-5)

## **A REPRESENTAÇÃO E SUA FUNÇÃO PRÁTICA**

As representações são instrumentos de ordenação e hierarquização da estrutura social e identificam o grupo ou meio que as produziu e que as consome. Para Chartier (1980, p. 19), a função simbólica (dita de simbolização ou de representação) é mediadora na apreensão do real e indica as diferentes modalidades desta apreensão que podem ser figuras mitológicas, religiosas ou conceitos científicos.

As funções de representação, antes, tinham apenas dois enfoques: o de mostrar a ausência e o de exibir uma presença, ou seja, a representação relacionava-se com a ação de imaginação. Faltava a relação entre representante e representado.

*"Cada disciplina científica tem necessidade de um sistema de representações, de normas, de valores, capaz de defini-la e de delimitá-la. E isto, excluindo todos os sistemas de valores e de normas extracientíficos. Assim, ao alijar de suas estratégias racionais a ordem dos fins humanos e a dos valores individuais e sociais, a ciência efetua um deslocamento de sua racionalidade para o campo político."* (Japiassu, 1979, p. 52)

Desta forma, assumem destaque o processo histórico da produção do sentido e o da construção de significação. Uma teoria da leitura é criada para compreensão da captação dos discursos e a relação estabelecida entre eles e os sujeitos.

As práticas sociais, políticas e discursivas levam a repensar a relação entre o social e as representações que o refletem ou o camuflam.

## **A REPRESENTAÇÃO E A TRANSFERÊNCIA DE INFORMAÇÃO**



Na descrição do conteúdo de um livro ou documento são utilizadas palavras que condensam o assunto e o identificam com o objetivo de facilitar a recuperação e a transferência do conhecimento. Estas palavras são representações de representações (textos, conceitos) e conseqüentemente guias parciais e imperfeitos. São hierarquizadas de acordo com correntes teóricas-metodológicas. São, ainda, condensadas em classificações documentárias que, além de serem utilizadas na arrumação de documentos e livros em arquivos e estantes, pretendem organizar o conhecimento nelas reproduzido.

As representações são baseadas em ações sociais, refletem momentos históricos, teorias, ideologias e culturas e, embora se aproximem da realidade, podem ter "*leituras*" diversas. O mercado de informações exige que haja equivalência formal nas representações para que haja um *constructor* sociocultural. A representação não deve alterar o objeto representado mas isto torna-se impossível na medida em que a representação é uma "leitura" do objeto.

## AS CLASSIFICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS COMO REPRESENTAÇÕES

Os sistemas tradicionais de classificação bibliográfica utilizados nas bibliotecas nos dias de hoje, segundo Campos (1986, p. 86), tiveram origem no final do século passado com o sistema criado por Melvil Dewey, em um ambiente epistemológico bem diferente do atual. A classificação de Dewey sofreu influência do iluminismo e do positivismo e não poderia ser diferente pois "*o pensamento científico não se desenvolve num vázio cultural, mas no interior de um quadro de pensamento, de um contexto de idéias, de princípios fundamentais e de evidências axiomáticas pertencentes a um domínio de ordem extracientífica.*" (Japiassu, 1975, p. 24)

O positivismo pregava a transformação da filosofia em ciência baseado na capacidade humana de perceber a estrutura dos fenômenos, reforçando a hegemonia das tabelas classificatórias que, além de encarnarem a eternidade, neutralidade e universalidade do saber, utilizavam números e sinais gráficos aproximando-se da matemática para legitimá-las. Estavam estabelecidas as dificuldades que tomam conta dos profissionais na hora de classificar um documento.

*"No campo das chamadas linguagens documentárias verifica-se o fenômeno generalizado de rejeição dos tradicionais sistemas de classificação. Tal fenômeno não pode ser atribuído só a inflexibilidade ou insuficiência estrutural de tais linguagens. Há que se lembrar que o clima epistemológico em que se organizaram as tabelas de classificação, clima de saturação iluminística, com tendência a atribuir ao conhecimento científico rigidez e imutabilidade, está hoje completamente superado. A tendência em usar os já famosos tesouros mostra a necessidade de maior agilidade nas linguagens documentárias. Revela também a imprescindibilidade dos elementos classificatórios, já que os tesouros mais bem elaborados são verdadeiras classificações que não ousam dizer o próprio nome."* (Campos, 1986, p. 86)

A crise dos sistemas de classificação não se dá apenas por serem linguagens estruturadas. As listas de cabeçalhos, criadas sem estruturas, também não atendem às necessidades de recuperação e organização da informação. As atualizações de tabelas

buscam soluções mas são lentas em sua confecção e distribuição para uso. Até o sistema de classificação de Ranganathan, considerado o mais flexível, por utilizar facetas e trabalhar com representação no plano das idéias, no plano verbal e no plano notacional, apresenta problemas de utilização. Nele verifica-se as influências culturais e históricas na listagem dos grandes assuntos representados por letras, no destaque das ciências exatas em detrimento das ciências sociais e no uso do símbolo religioso na Índia, o delta. Os tesouros também sofrem influências históricas, ideológicas e culturais nas relações entre os termos, nas notas de escopos (SN) ou nos termos substitutivos (UF) e sofrem pressão da interdisciplinaridade das ciências.

O entrave das classificações, listas, tesouros, ou seja, da linguagem documentária está, portanto, na suas bases epistemológicas. Há que se aceitar a razão como dinâmica e histórica, transformada dia a dia, abandonando o determinismo universal.

A solução está em trabalhar com representação de forma interdisciplinar, ou seja, com epistemologia, lingüística, ciência da informação, comunicação, informática e também com a estrutura das ciências e a organização do conhecimento como um todo.

### ***Abstract***

*Deals with the question of the representation of knowledge based on the existing difficulties in the use of documentary classifications aimed at recuperating and disseminating information. It begins with a brief discussion of the principal philosophic currents, organised according to period. Concepts of the representation of reality and the influences suffered in its elaboration were extracted from each philosophic current.*

### ***Key words***

**CLASSIFICATION  
REPRESENTATION OF KNOWLEDGE  
PHILOSOPHY**

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABRAMCZUK, André Ambrósio. *O mito da ciência moderna: proposta de análise da Física como base da ideologia totalitária*. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1981

ALEXANDER, Jeffrey. General theory in the postpositivist mode: the "epistemological dilemma" and the research for present reason. In: SEIDMAN, Steven, WAGNER, David G. *Postmodernism and social theory*. Cambridge: Blackwell, 1992.

BARBOSA, Alice Príncipe. *Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica*. Rio de Janeiro: IBBD, 1969.

BAZARIAN, Jacob. *O problema da verdade: teoria do conhecimento*. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1988.

BINWAL, J. C. Ranganathan and the Universe of Knowledge. *International Classification*, v. 19, n. 4, p. 195-200, 1992.

- CAMPOS, Astério Tavares. Linguagens documentárias. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. v. 14, n. 1, p. 85-88, jan./jun. 1986.
- CHARTIER, Roger. *A histórica cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1980.
- CHATELET, François, org. *História da filosofia, idéias e doutrinas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. 7 v
- CHAUÍ, Marilena et al. *Primeira filosofia: lições introdutórias*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- COSTA, Claudio Ferreira. *Filosofia analítica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- ESCOBAR, Carlos Henrique. *As ciências e a filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- FOSKETT, D. J. *Classification and indexing in the social sciences*. 2. ed. London: Butterworths, 1974.
- GILES, Thomas Ranson. *Introdução à filosofia*. São Paulo: EDUSP, 1979.
- GUENANCIA, Pierre. *Descartes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- GONZALEZ DE GOMEZ, Maria Nélide. *A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas*. Rio de Janeiro: IBICT, 1994.
- GROLIER, Eric de. *Étude sur les categories generales applicables aux classifications et codifications documentaires*. Paris: UNESCO, 1962.
- HUISMAN, Denis, VERGEZ, André. *Compêndio moderno de filosofia. O conhecimento*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1968. v. II.
- JAPIASSU, Hilton. A ideologia do conhecimento objetivo na Universidade. *Cadernos de Tecnologia e Ciência*, v. 1, n. 5, p. 50-64, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- \_\_\_\_\_. *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Nascimento e morte das ciências humanas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Questões epistemológicas*. Rio de Janeiro: Imago, 1981.
- KAULA, Prithvi N. Rethinking on the concepts in the study of classification. *Herald of Library Science*, v. 23, n. 1-2, p. 30-44, Jan./Apr. 1984.
- KNELLER, George F. *A ciência como atividade humana*. Rio de Janeiro: Zahar; São Paulo: EDUSP, 1980.
- LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social. Elementos para uma análise marxista* 5. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- LYOTARD, Jean François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- MONDIN, B. *Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- PINTO, Álvaro Vieira. *Ciência e existência. Problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- PLATÃO. *Diálogos I: Menon, Banquete, Fedro*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- PLATÃO. *Diálogos III: A República*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- SCHLICK, Carnap, vida e obra. São Paulo: Abril, 1978. (Os pensadores)